

tivas de retorno. As contas não vão fechar. A hora é de cautela. Caso a queda das cotações se acentue, o próximo ciclo de produção estará seriamente comprometido. Se o quadro se agravar, o produtor será obrigado a reduzir o plantio, investir menos em tecnologia, o que será prejudicial a todos, atingindo em cheio o consumidor.

Em um primeiro momento pode parecer o contrário, haja vista que os preços dos alimentos recuam com a baixa das *commodities*, favorecendo o controle da inflação. Entretanto, isso só acontecerá, por um período restrito, e ainda assim se o setor varejista promover ajustes nos preços. Mesmo assim, com a quebra de safra, a tendência é que os preços aumentem no ano que vem.

O fato é que a agricultura brasileira pode voltar aos tempos de crise vividos recentemente, em razão de problemas de dentro e de fora do segmento, que deixaram de ser resolvidos. De nada adiantam desenvolvimento tecnológico, avanços em produtividade, diversificação e adição de valor à produção se graves deficiências permanecem sem solução, principalmente o frágil controle sanitário e uma infraestrutura deficiente, como destacou Pedro de Camargo Neto em recente entrevista às páginas amarelas da revista *Veja*.

Além disso, o fardo dos impostos, os juros elevados, a ausência de um seguro rural efetivo, uma renegociação de dívidas que nunca tem fim, bem como uma legislação trabalhista que ignora particularidades do trabalho rural e uma legislação ambiental complexa, burocrática e equivocada, que, em vez de conciliar desenvolvimento e conservação, pune o setor produtivo são alguns dos outros vilões que perseguem o produtor.

Os desafios são cada vez maiores. A Sociedade Rural Brasileira reitera o convite para que as lideranças rurais do País avancem em direção a um discurso uniforme e a ações coesas, em favor do produtor rural, do agronegócio e do Brasil. ■

Opinião

Carne com grife



João Sampaio*

HOUVE RECORDE na receita das exportações da carne bovina de janeiro a julho deste ano, com US\$ 2,42 bilhões, apesar do recuo no volume vendido, de 734 mil toneladas, contra 923,2 mil toneladas no mesmo período do ano passado. A performance não reproduz somente o aumento de preços da carne bovina. Como a defasagem cambial mataria qualquer vantagem nas vendas externas, as cifras evidenciam um trabalho da indústria frigorífica, baseado em sanidade, qualidade e marca da carne brasileira.

Carnes especiais, cortes diferenciados, embalagens adequadas e marcas próprias fazem a diferença na hora da venda. A indústria brasileira internacionaliza-se e conta com unidades espalhadas pelo mundo. A aquisição de grandes processadoras pelos frigoríficos, a diversidade de produtos com nome próprio e abertura de capital no mercado de ações são manifestações do apetite do Brasil.

Entretanto, toda a evolução da indústria frigorífica fica inviável se o pecuarista não for convidado para o almoço conjunto. Quando convidado a participar ativamente do setor, este terá de adotar procedimentos condizentes com a marca do produto e a demanda do consumidor final.

Pesquisas científicas mostram que de 8% a 10% da mortandade de animais dentro das propriedades ocorrem devido

aos erros de manejo sanitário na remoção de cadáveres das pastagens, no uso de medicamentos/produtos impróprios e no descumprimento do calendário de vacinação. São procedimentos elementares ainda não adotados por todos, por desinformação do pecuarista ou pela simples falta de protocolos sanitários, muitos dos quais o Brasil ainda não tem.

Nos restaurantes europeus é comum o freguês saber, por meio do menu, a marca e a fazenda de origem do filé a ser servido – é uma grife. Nos Estados Unidos, o código de barras nas embalagens de carne bovina nos supermercados permite que ela seja rastreada até a localização do médico veterinário que atestou a sua sanidade. O pragmatismo norte-americano e a eficiência do *marketing* na Europa parecem simplistas aos olhos brasileiros.

Para alcançarmos tais sanidade, qualidade e *marketing* os nossos produtos têm de levar à adoção de boas práticas. A cadeia produtiva da carne bovina terá que atuar em conjunto no uso desses conceitos. O novo modelo de defesa agropecuária, que propusemos em São Paulo, irá trabalhar as boas práticas com treinamento de mão-de-obra nas propriedades, padronização dos procedimentos e informatização dos registros nos órgãos de defesa agropecuária feitos pelo produtor de forma declaratória, tal qual uma declaração de imposto de renda.

Ninguém declara errado o seu imposto de renda, e quando o faz, é rastreado. Por quê? Porque os protocolos e procedimentos estão definidos, a aferição de falha está totalmente informatizada, e porque existe um carimbo de conformidade ou de não-conformidade, que você carrega e pode destruir a sua reputação e impossibilitá-lo de atuar no sistema produtivo. ■

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo